

Conclusão final

Nossa pesquisa se propôs a elaborar uma nova reflexão teológico-pastoral a respeito da mortificação cristã, para demonstrar que esta não está superada, mas continua válida e necessária ao discipulado de Cristo. E para alcançar esse fim, trabalhamos basicamente sobre três aspectos relacionados ao tema da mortificação. Primeiro, a legitimidade de seu fundamento antropológico. Segundo, sua função salvífica. Terceiro, sua eficácia pastoral. A análise acurada de cada um desses aspectos nos forneceu os fundamentos necessários para a elaboração dessa tese doutoral. Fundamentos que apresentamos como o fecho conclusivo deste trabalho.

1. A mortificação é um imperativo antropológico da vida cristã, pois é um componente intrínseco ao processo de conversão iniciado com o batismo. Pois como bem sabemos, o batismo nos torna sacramentalmente participantes do Mistério Pascal de Cristo, ou seja, concede-nos a salvação como dom divino. É o que podemos denominar de ‘elemento teológico da salvação’ ou de ‘salvação objetiva’. Todavia, existe ainda o ‘elemento antropológico da salvação’, denominado ‘salvação subjetiva’. Esse elemento se constitui especificamente na nossa colaboração com a graça, para que ela, de fato, encontre as condições adequadas em nossa vida para crescer e amadurecer, pois o batismo não é um ‘rito mágico’. A salvação concretiza-se justamente na bipolaridade entre o elemento teológico e o antropológico. Sem dúvida alguma, como nos ensina a doutrina da justificação, a primazia da salvação é sempre de Deus, porém, o Senhor não esmaga a nossa liberdade, não nos força a aceitar sua oferta de salvação⁶³⁶. Ele

⁶³⁶ FRANÇA MIRANDA, M., *A salvação de Jesus Cristo – A doutrina da graça*, São Paulo, Loyola, 2004, p. 123: “O significado perene dessa doutrina (justificação) é claro. De um lado, está na afirmação categórica de que nossa salvação é obra de Deus em nós, a Ele cabe a iniciativa e a execução. De outro, no fato de que a salvação se passa entre o homem e Deus, possibilitada por mediações necessárias, mas excluindo os ‘intermediários’ que impedissem esta imediatidade ou que pousassem o homem do compromisso radical da fé. No fundo, nossa salvação depende de nossa decisão pessoal: nem Igreja, nem Papa, nem Bíblia, nem dogma, nem testemunho ou profissão de fé, nem reflexão teológica, por mais séria que seja, podem arrancar de nós uma resposta, uma opção. O compromisso de vida com Deus, revelado e acessível em Jesus Cristo, se

interpela-nos, sim, através da graça, mas aguarda nossa livre resposta, expressa através da prática da mortificação. Portanto, a mortificação não é algo opcional, mas, sim, um verdadeiro e autêntico imperativo da vida cristã. ‘É a nossa resposta de fé à interpelação da graça divina’.

2. A mortificação resgata o valor positivo da disciplina. Pois para se alcançar uma meta na vida não basta apenas boa intenção, é também necessária uma disciplina assumida internamente, para não se sucumbir às mais variadas dificuldades e tentações do dia-a-dia. No que tange à vida cristã, não temos a menor dúvida em afirmar que sem disciplina é impossível assimilar e praticar os valores do evangelho. Para aqueles que qualificam negativamente a disciplina como inimiga da espontaneidade, é bom recordar que a santidade não acontece por ‘geração espontânea’, ao contrário, exige esforço metódico e constante na luta contra o ‘velho Adão pecador’, que ainda vive em nós. Talvez por reação aos exageros ascéticos do passado, caracterizados pela metodicidade asfixiante e pelos excessos de detalhes, exista atualmente certa prevenção mental e muita negligência efetiva no que se refere ao esforço e à disciplina na vida cristã⁶³⁷. Uma atualizada reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação é, nesse sentido, útil e necessária para corrigir a visão distorcida que muitos cristãos têm em relação à disciplina.

3. A mortificação combate o consumismo e o individualismo favorecendo um estilo de vida mais simples e autêntico. Nossa sociedade contemporânea, em função de um desmedido consumismo, perdeu a sabedoria da vida simples. O “*homo sapiens*” tornou-se “*homo consumens*”. Desde muito cedo, as pessoas são orientadas a se tornarem grandes consumidoras e a propaganda, como já vimos no capítulo seis, trabalha para multiplicar os desejos e amplificar as necessidades infiltrando-se em tudo, como o ar que respiramos. Seu objetivo principal é tornar necessário o que é supérfluo. Uma vez formado esse “*homo consumens*”, suas

dá entre cada um e Deus em total liberdade, sem instâncias intermediárias. Essas nos ajudam, mas não dispensam da opção pessoal”.

⁶³⁷ ORTEGA Y GASSET, J., *El espectador*, Vol. IV, Madrid, Aguilar, 1950, p. 472. Apud RUIZ SALVADOR, F., *Compêndio de teologia espiritual*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 455: “Não é possível fazer coisa alguma no mundo que seja importante se não estiver presente este par de qualidades: força e disciplina. A nova geração goza de uma esplêndida dose de força vital, que é condição primeira de toda empresa histórica; por isso, confio nela. Porém, suspeito que carece por completo de disciplina interna, sem a qual a força desagrega e volatiliza; por isso, desconfio dela. Não basta curiosidade para interessar-se pelas coisas; faz falta o rigor mental para se tornar dono delas”.

necessidades se tornam cada vez maiores. Para ele, o supérfluo torna-se conveniente, e o conveniente, necessário. Portanto, ao “*homo consumens*”, egocêntrico e compulsivo pelo ‘ter’ mais do que pelo ‘ser’, escravo das necessidades, se faz necessário, através de uma sadia práxis da mortificação, contrapor o “*homo serviens*”, isto é, o homem disposto a fazer de sua existência um serviço de amor ao próximo, capaz de cultivar com alegria um estilo de vida simples, solidário e comprometido com os mais necessitados⁶³⁸.

4. A mortificação revaloriza a santidade como o grande ideal da vida cristã. A santidade tem força transformadora. Por isso o sinal da caridade, do amor fraterno, da fidelidade a Jesus Cristo é o mais eloquente de todos, aquele que mais profundamente fala às pessoas de nosso tempo. As pessoas que vivem no caminho da santidade falam não tanto porque fazem coisas extraordinárias, mas porque realizam suas atividades cotidianas, ordinárias, de maneira extraordinária, isto é, praticando a caridade em todos os momentos. O testemunho da santidade é indispensável à evangelização. Portanto, somente uma pessoa que se move no ritmo de Deus pode suscitar nas outras o desejo de também adentrar o caminho da santidade⁶³⁹.

5. A mortificação recupera uma sadia teologia da cruz, isto é, do sentido cristão do sofrimento humano, pois educa a pessoa a acolher o sofrimento e a dar um sentido salvífico ao sofrimento inevitável. Se no passado a teologia do dolorismo foi responsável pelo ‘comportamento penitencial excessivamente exagerado’ de muitos cristãos, que buscavam através da dor, do sofrimento, o caminho, por excelência, da salvação; atualmente, experimentamos a situação oposta, pois as pessoas têm grandes dificuldades para integrar a dor e a morte em suas vidas. Cabe, portanto, à mortificação essa missão de educar o cristão a unir suas orações, suas obras e seus sofrimentos à cruz de Cristo; a assumir a Páscoa de Cristo como sua própria Páscoa. Nesse sentido, o testemunho de Madre Maria Teresa foi muito eloquente, pois ela, movida unicamente pelo espírito de fé, e com muito equilíbrio, fez a experiência de unir seus sofrimentos aos de Cristo, e o resultado foi uma vida visivelmente transformada pela graça de Deus, que, por sua vez, beneficiou tantas outras vidas; evidenciando, assim, a fecundidade pastoral da mortificação.

⁶³⁸ Cf. ARNAIZ, J. M., *Por um presente que tenha futuro*, São Paulo, Paulinas, 2005, pp. 237-256.

6. A mortificação resgata o sentido eucarístico da vida cristã. Pois ao unirmos nossos sacrifícios cotidianos ao sacrifício de Cristo, transformamos todas as nossas cruzes e mortes em ‘Páscoa’, isto é, em passagem para uma vida nova. A partir de então nosso sacrifício passa a ter um sentido soteriológico, ou seja, adquire uma força salvífica capaz de transformar não apenas nossa própria vida, mas também a vida de outras pessoas⁶⁴⁰. Corroborando esse pensamento, Madre Maria Teresa gostava de afirmar que através da eucaristia os nossos sofrimentos são ‘transsubstanciados’ nos sofrimentos de Cristo. E foi isso que ela procurou realizar sempre na própria vida.

7. A mortificação promove uma equilibrada relação entre o corpo e a alma. No passado, o corpo foi a grande vítima justamente das práticas desequilibradas de mortificação. Hoje, a alma é a grande prejudicada pelo culto ao corpo que impera em nossa cultura contemporânea, uma verdadeira ‘corpolatria’. Culto que, por vezes, acaba até degenerando em sacrifícios humanos: basta prestar atenção ao número alarmante de ‘modelos’ que morrem de ‘anorexia’ todos os anos. Alma e corpo são duas dimensões constitutivas da pessoa humana e, como tal, devem ser igualmente valorizadas. A história está aí para comprovar-nos que toda forma de reducionismo é sempre nociva, não somente à fé crista, mas à humanidade. Portanto, cabe a uma renovada teologia da mortificação a missão de educar a nova geração cristã para evitar o dualismo antropológico.

8. Viver com coerência o batismo. Este é o fundamento que sintetiza todos os demais, pois, definitivamente, sem mortificação não é possível ao cristão manter-se fiel à graça de Deus. Por isso, termino, citando uma passagem bíblica que fundamenta, segundo nossa concepção, toda a teologia da mortificação cristã: **“Visto estarmos cooperando com Cristo, nós vos exortamos a não deixar sem efeito a graça recebida de Deus” (2 Cor 6, 1).**

⁶³⁹ Cf. OLIVEIRA, J. L. M., *Nossa resposta ao amor*, São Paulo, Loyola, 2001, pp. 41-43.

⁶⁴⁰ Cf. CTI, *Teologia da redenção*, São Paulo, Loyola, 1997, nn. 60-62, pp. 72-73.